

Time do povo, de luta e liberdade: as construções simbólicas do Sport Club Corinthians Paulista potencializadas pela Democracia Corinthiana

Equipo popular, lucha y libertad: las construcciones simbólicas del Sport Club Corinthians Paulista fortalecidas por la Democracia Corinthiana

People's team, struggling and freedom: the symbolic constructions of Sport Club Corinthians Paulista strengthened by Democracia Corinthiana

José Carlos Marques

Livre-Docente em Comunicação e Esporte (Unesp) e Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Unesp). Contato: jose.marques@unesp.br.

Núbia Maria Silva de Azevedo

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Unesp). Mestre em Comunicação (UFOP). MBA em Jornalismo Esportivo pela Faculdade Estácio e Bacharel em Jornalismo (UFOP). Contato: nubia.azevedo@unesp.br.

Ana Lúcia Nishida Tsutsui

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Unesp); Mestre em Comunicação e Bacharel em Jornalismo (Universidade Metodista de São Paulo). Docente dos cursos de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (SP). Contato: ana.tsutsui@unesp.br.

Submetido: 23.12.2022 | Aprovado: 11.04.2023



Creative Commons



Atribuição



Não Comercial



Compartilhe Igual

Resumo

Carregado de fatores simbólicos, o futebol no Brasil transcende os limites do campo esportivo, configurando-se como importante ferramenta social. A partir de uma leitura cultural e política do futebol, o presente artigo objetiva analisar as manifestações afetivas em torno do Corinthians Paulista, questionando de que modo as construções simbólicas potencializadas pela Democracia Corinthiana reverberam nos posicionamentos do clube. Metodologicamente, o estudo se fundamenta na pesquisa bibliográfica, na análise textual discursiva e na análise de conteúdo. Conclui-se que o time, para legitimar-se, vale-se de episódios de sua história, construindo para si uma identidade baseada nas concepções de povo, luta e liberdade.

Palavras-chave: Futebol; Política; Construções Simbólicas; Democracia Corinthiana

Resumen

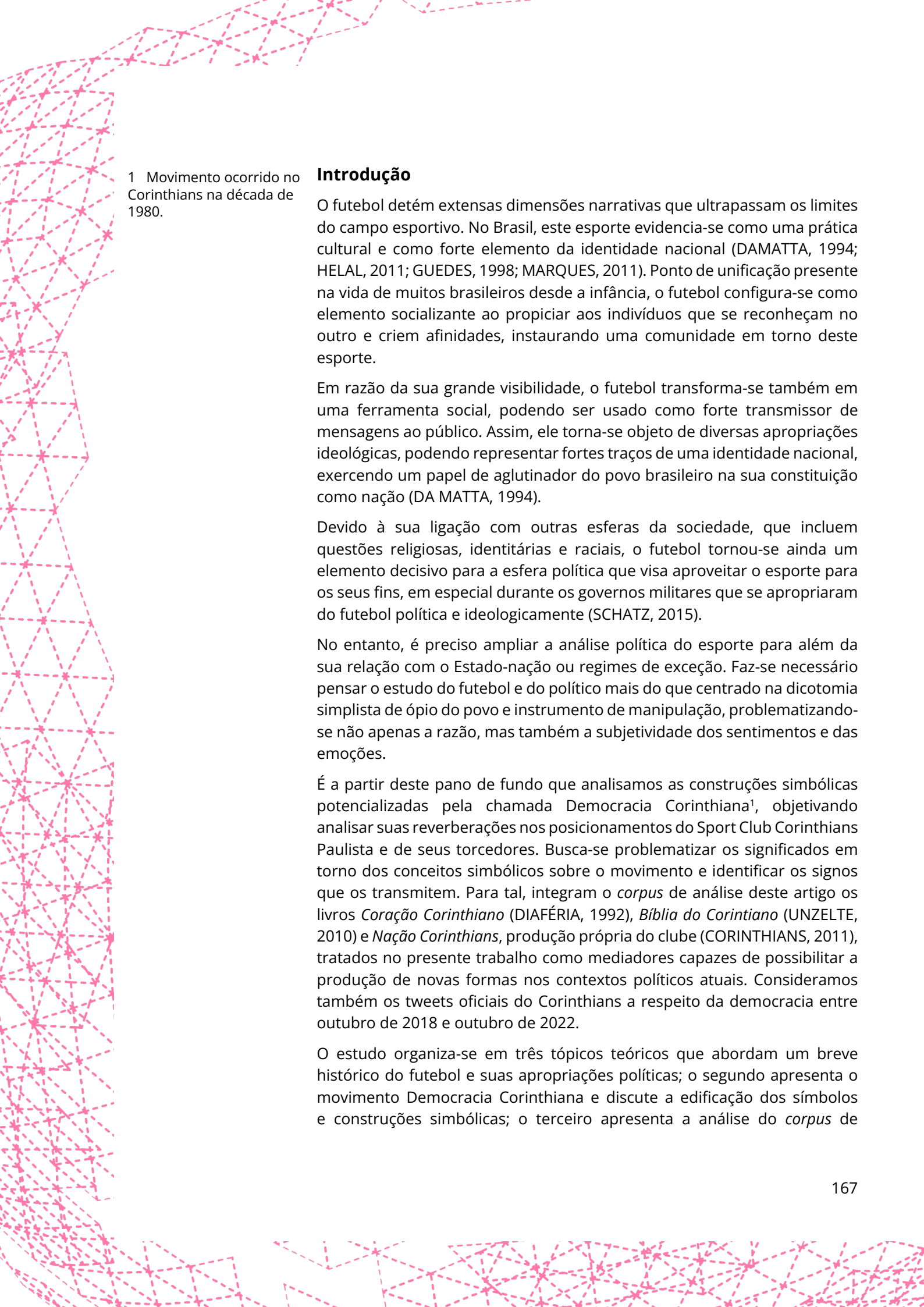
Cargado de factores simbólicos, el fútbol en Brasil trasciende los límites del campo deportivo, convirtiéndose en una importante herramienta social. A partir de una lectura cultural y política del fútbol, este artículo tiene como objetivo analizar las manifestaciones afectivas en torno al equipo de fútbol Corinthians, cuestionando cómo las construcciones simbólicas fortalecidas por la Democracia Corinthiana repercuten en las posiciones del club. Metodológicamente, el estudio se basa en la investigación bibliográfica, el análisis textual discursivo y el análisis de contenido. Se concluye que el equipo, para legitimarse, hace uso de episodios de su historia, construyéndose una identidad basada en los conceptos de pueblo, lucha y libertad.

Palabras clave: Fútbol; Política; Construcciones simbólicas; Democracia Corinthiana

Abstract

Carrying lots of symbolic factors, soccer in Brazil transcends the limits of sports itself and becomes an important social tool. From a cultural and political perspective of soccer, this article aims to analyze the affective manifestations around Corinthians Paulista, questioning how the symbolic constructions potentiated by "Democracia Corinthiana" (Corinthians Democracy) reverberate in the team's beliefs and behaviours. Methodologically, the study is based on bibliographical research, discursive textual analysis, and content analysis. The article concludes that the team, in order to legitimize itself, makes use of episodes from its history, building for itself an identity based on the concepts of people, struggle and freedom.

Keywords: Soccer; Policy; Symbolic Constructions; Corinthians Democracy



1 Movimento ocorrido no Corinthians na década de 1980.

Introdução

O futebol detém extensas dimensões narrativas que ultrapassam os limites do campo esportivo. No Brasil, este esporte evidencia-se como uma prática cultural e como forte elemento da identidade nacional (DAMATTA, 1994; HELAL, 2011; GUEDES, 1998; MARQUES, 2011). Ponto de unificação presente na vida de muitos brasileiros desde a infância, o futebol configura-se como elemento socializante ao propiciar aos indivíduos que se reconheçam no outro e criem afinidades, instaurando uma comunidade em torno deste esporte.

Em razão da sua grande visibilidade, o futebol transforma-se também em uma ferramenta social, podendo ser usado como forte transmissor de mensagens ao público. Assim, ele torna-se objeto de diversas apropriações ideológicas, podendo representar fortes traços de uma identidade nacional, exercendo um papel de aglutinador do povo brasileiro na sua constituição como nação (DA MATTA, 1994).

Devido à sua ligação com outras esferas da sociedade, que incluem questões religiosas, identitárias e raciais, o futebol tornou-se ainda um elemento decisivo para a esfera política que visa aproveitar o esporte para os seus fins, em especial durante os governos militares que se apropriaram do futebol política e ideologicamente (SCHATZ, 2015).

No entanto, é preciso ampliar a análise política do esporte para além da sua relação com o Estado-nação ou regimes de exceção. Faz-se necessário pensar o estudo do futebol e do político mais do que centrado na dicotomia simplista de ópio do povo e instrumento de manipulação, problematizando-se não apenas a razão, mas também a subjetividade dos sentimentos e das emoções.

É a partir deste pano de fundo que analisamos as construções simbólicas potencializadas pela chamada Democracia Corinthiana¹, objetivando analisar suas reverberações nos posicionamentos do Sport Club Corinthians Paulista e de seus torcedores. Busca-se problematizar os significados em torno dos conceitos simbólicos sobre o movimento e identificar os signos que os transmitem. Para tal, integram o *corpus* de análise deste artigo os livros *Coração Corinthiano* (DIAFÉRIA, 1992), *Bíblia do Corinthiano* (UNZELTE, 2010) e *Nação Corinthians*, produção própria do clube (CORINTHIANS, 2011), tratados no presente trabalho como mediadores capazes de possibilitar a produção de novas formas nos contextos políticos atuais. Consideramos também os tweets oficiais do Corinthians a respeito da democracia entre outubro de 2018 e outubro de 2022.

O estudo organiza-se em três tópicos teóricos que abordam um breve histórico do futebol e suas apropriações políticas; o segundo apresenta o movimento Democracia Corinthiana e discute a edificação dos símbolos e construções simbólicas; o terceiro apresenta a análise do *corpus* de

2 A Coligay foi uma torcida organizada do Grêmio, integrada somente por homossexuais, que existiu entre 1977 e 1983. Foi a primeira torcida do tipo no Brasil (DECONTO, 2022).

3 Menos conhecida que a versão corinthiana, a Fla Diretas foi a primeira torcida a surgir em prol da redemocratização no período final da ditadura militar (SARTORI, 2019).

4 Bom Senso F.C. foi um movimento criado em 2013 por jogadores de grandes clubes de futebol do Brasil que buscavam melhores condições de trabalho. Três anos depois de sua criação, a iniciativa chegou ao fim (PEREIRA, 2013).

pesquisa, bem como sua reverberação nos posicionamentos do Sport Club Corinthians Paulista.

A metodologia utilizada para conduzir o estudo se fundamenta na pesquisa bibliográfica acerca dos assuntos teóricos abordados; na Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003), a fim de identificar no corpus de pesquisa as construções simbólicas potencializadas pela Democracia Corinthiana; e na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), usada para examinar os posicionamentos do clube paulista na rede social Twitter.

Futebol e política no Brasil: breves momentos

Não é de hoje que futebol e política se misturam. Desde a popularização do esporte, na primeira metade do século XX, governos nacionalistas e fascistas notaram o potencial do futebol como instrumento político. Seleções nacionais e times foram usados como vitrine ou distração, principalmente em períodos ditatoriais.

No Brasil, o caso mais emblemático é a Copa do Mundo de 1970. A Seleção Brasileira sagrou-se tricampeã mundial no México, com uma delegação repleta de militares. A primeira Copa a ser transmitida ao vivo pela televisão para o Brasil foi amplamente explorada como elemento de propaganda da ditadura militar. A euforia da conquista sob o slogan “Pra frente, Brasil, salve a Seleção” também serviu de distração para as denúncias de desaparecimentos, torturas e restrições à liberdade de expressão que ocorriam no país, reforçando a tese do futebol como ópio do povo.

Nesse mesmo período, grandes estádios, com capacidade acima de 40 mil pessoas, foram edificadas Brasil afora. “Foram construídos ou ampliados consideravelmente 52 estádios significativos durante o período da ditadura militar, 32 deles durante a década de 1970, quando Médici e Geisel conduziram uma política bem mais clara de investimento ao futebol nacional” (STEIN, 2014).

Se por um lado o futebol sofre críticas sendo taxado como um *locus* do “pão e circo”, por outro também vemos, ao longo da história, manifestações políticas ocorrerem dentro e fora de campo, mobilizando atletas e torcedores.

A constituição da Coligay², torcida LGBT gremista em plena ditadura militar; a Democracia Corinthiana, movimento ocorrido na década de 1980; a Fla-Diretas³, pioneira no canto pela volta das Diretas nas arquibancadas brasileiras; a criação do Bom Senso F.C.⁴, em 2013; e as manifestações organizadas por torcidas antifascistas a partir de 2020 são exemplos de episódios que caracterizam o futebol como espaço de ação política, ato de resistência e mobilização, contrariando as ideias de alienação e despolitização frequentemente associadas ao campo esportivo.

Democracia Corinthiana

O final da década anterior (1977/1978) e a primeira metade da década de 1980 são marcados politicamente no Brasil pela retomada dos movimentos grevistas; emergência dos movimentos sociais no Brasil; retomada do pluripartidarismo e conformação de partidos com base sindical e popular, por exemplo, o PT (1980); crescimento da insatisfação com o regime ditatorial militar; e deflagração do movimento que reivindicava a votação direta para a presidência da república, o “Diretas-Já” (MARTINS, 2012).

A Democracia Corinthiana surgiu em meio a uma crise do futebol, marcada pelo início do questionamento às formas de administração arcaica dos clubes e em um contexto político-social de crise e forte agitação. Inicialmente, aparecia sob a forma de um projeto de uma liderança dialógica, encampando [sic] por um técnico não autoritário, por um dirigente inexperiente e por um elenco com jogadores engajados, como Sócrates, Wladimir, e outros que vieram a se envolver nos debates políticos. (MARTINS, 2012, p. 185).

O trabalho de José Paulo Florenzano (2009) segue a mesma abordagem, indicando que o movimento alvinegro foi fruto do processo histórico que vinha se desenrolando no conjunto da sociedade brasileira. Para o pesquisador, diferentemente da idealização que muitas vezes emerge na narrativa dos líderes do movimento, a Democracia Corinthiana não foi uma ilha de atividade política, “um movimento revolucionário, isolado, num meio totalmente reacionário chamado futebol” (SÓCRATES *apud* FLORENZANO, 2009, p. 493).

Florenzano (2003) mostra-nos que o período delimitado entre 1978 e 1984 – os “anos revolucionários do nosso futebol” – é caracterizado por uma atividade significativa em torno dos sindicatos regionais, por uma militância aguerrida dentro das agremiações esportivas e, principalmente, por uma crescente identificação com a classe trabalhadora.

Nesse período, ignorando ameaças e desafiando interditos, os atletas se vincularam aos movimentos sociais, atuaram como agentes organizadores nos clubes, afluíram às assembleias nos sindicatos, estabeleceram no circuito noturno dos bares e dos eventos culturais laços estreitos com jornalistas, intelectuais, artistas, músicos e poetas. Com base nessa atividade diuturna e por intermédio de uma interlocução com tantos e tão diferentes atores, esboçaram os contornos de uma nova concepção de futebol, debatendo os problemas de sua coerência interna, os dilemas e impasses da sua transformação histórica (FLORENZANO, 2009, p. 495).

Em meio ao clima de reabertura política, o Corinthians também passou a utilizar a camisa para fins publicitários. Frases como “Diretas Já” e “Dia 15 vote” foram adicionadas aos uniformes utilizados pelos jogadores em

5 O Memorial é um museu da história do Corinthians. Localizado no Parque São Jorge (São Paulo), sede administrativa do clube, o espaço foi inaugurado em 2006.

6 O termo Democracia Corinthiana foi sugerido pelo jornalista Juca Kfourí. A partir daí, o publicitário do clube, Washington Olivetto, utilizou-o para identificar o momento pelo qual passava o Corinthians, expressando-o na marca "Democracia Corinthiana".

1982 para atrair a atenção de possíveis patrocinadores (OLIVETTO; BEIRÃO, 2005). "Imprensa em livros e reportagens como uma das imagens mais representativas do movimento alvinegro" (FLORENZANO, 2009, p. 402), antes da partida contra o São Paulo pela final do Paulistão de 1983, no estádio do Morumbi, os jogadores entraram em campo com uma faixa onde se lia "Ganhar ou perder, mas sempre com democracia"⁵. O publicitário Washington Olivetto, autor do nome dado ao movimento a partir de uma citação do jornalista Juca Kfourí⁶, foi um dos mentores das ações, que também tinha como líderes os jogadores Sócrates, Casagrande, Zenon e Wladimir, além do diretor de futebol Adilson Monteiro Alves.

Entre 1982 e 1984, decisões internas do clube foram tomadas em conjunto. Presidente, diretores, comissão técnica, jogadores e funcionários conversavam e votavam questões como horários de treino, contratações, demissões, salários, prêmios, regras de concentração etc. (CARDOSO, 2014). Longe de formar um bloco coeso, entretanto, havia ali diferenças de envolvimento e de entendimento sobre os sentidos e rumos que se pretendiam entre seus integrantes.

[...] não se tratava de um programa concebido *a priori* e implantado sem disputas internas ou contradições; pelo contrário, elas se manifestavam a todo instante e em toda parte, fosse dentro do próprio grupo de jogadores, fosse na relação destes com os dirigentes do clube ou, ainda, na posição do coletivo alvinegro perante as demais equipes do futebol brasileiro. O projeto da Democracia Corinthiana redefinia-se no decorrer da luta movida pelos jogadores, ora avançava e chocava-se contra os valores e poderes instituídos, ora recuava por um momento, reavaliava os erros nos quais incorrera, amadurecia com as contradições vividas e, novamente, seguia adiante [...]. (FLORENZANO, 2009, p. 40).

Para Martins e Reis (2013, p. 9), "o modelo de gestão que desembocou nas votações, participação dos jogadores na política sindical e nacional e na modernização administrativa foi parte de um processo que se iniciou em 1981, a partir das eleições para a presidência do Corinthians". Waldemar Pires, presidente eleito (1981-1985), propunha uma filosofia administrativa baseada na descentralização da gestão e com a presença de especialistas em diferentes setores. Para isso, trouxe economistas e administradores para o setor financeiro, convidou um publicitário para o departamento de marketing, buscou um psicólogo para acompanhar a equipe (idem, *ibidem*).

A despeito de todas as suas contradições, o movimento descortinou outras possibilidades de ser atleta, ampliou os sentidos do jogar bola (FLORENZANO, 2009). Em última instância, possibilitou que os jogadores disputassem a legitimidade para construir significados, tornou possível o reconhecimento do jogador de futebol como cidadão e sua emergência como sujeito político (MARTINS; REIS, 2013, 2014, 2017).

Construções simbólicas

Nas últimas décadas, os estudos acerca do futebol ampliaram seu escopo a partir da introdução de novos corpos teóricos e novas fontes, problematizando diversos objetos. No entanto, ao considerar a leitura do político neste esporte, verifica-se que o que prevalece nas análises ainda é a dicotomia entre a sua função social de lazer (um não-lugar da política) e a restrição à sua relação com o Estado-nação, onde o futebol se manifesta apenas como instrumento de manipulação.

Ribeiro (2020) corrobora tal afirmação declarando que a forma com que o futebol se desenvolveu acabou distanciando-o do interesse imediato do Estado. Para o autor, a profissionalização e a administração privada nos clubes afastaram o ludopédio do espírito moral e civilizador do amadorismo, consolidando a sua autonomia organizativa. “Assim, se o Estado era, por excelência, o lugar da política, o distanciamento em relação a este reforçou o imaginário do futebol como um não lugar da política” (RIBEIRO, 2020, p. 32).

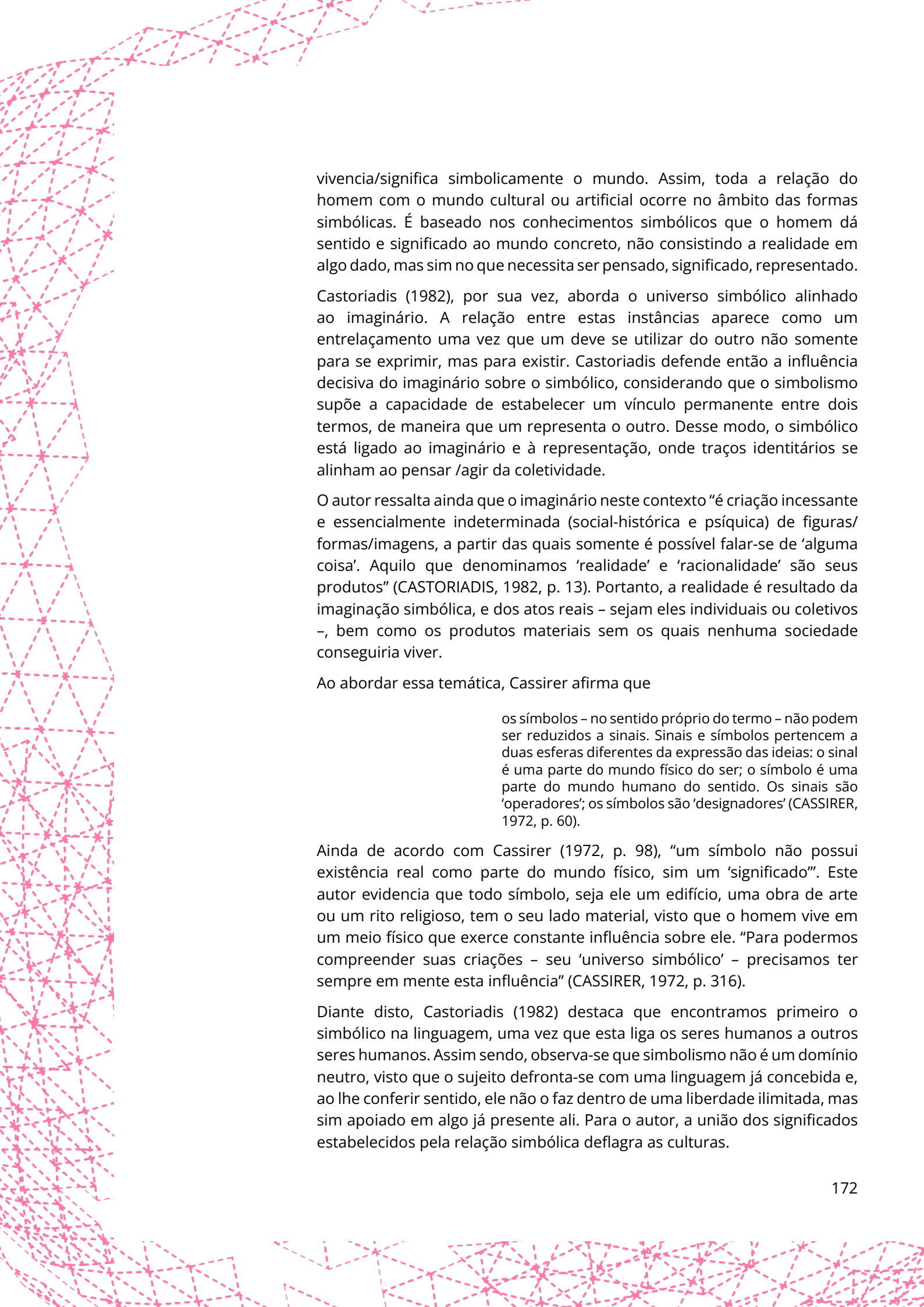
Desse modo, faz-se necessário apontar novos problemas ao estudo do viés político do futebol a partir não apenas da razão, mas também das emoções. É preciso pensar a relação futebol-política considerando os sistemas sensíveis, e questionar de que modo as manifestações afetivas atuam neste panorama.

Ao pensar o futebol por este prisma, constata-se que o modo de expressão que emerge a partir da experiência dos torcedores e das instituições ligadas à prática deste esporte surge elaborando símbolos que produzem significados expressivos. Em meio a estes fatores, recorre-se a Cassirer (1994), para quem o homem não vive apenas num mundo físico de fatos concretos. Este autor propõe um universo simbólico no qual o ser humano se percebe no meio de suas emoções imaginárias, fantasias e sonhos, tornando-se um animal *symbolicum*.

De acordo com Cassirer (1972), esse homem vive num mundo simbólico mediado pelas formas simbólicas – linguagem, mito, religião, arte e ciência. Para o autor, as formas simbólicas não podem ser definidas de maneira puramente abstrata e dependem de dados históricos para serem analisadas.

Tais formas não passam por um processo evolutivo unidirecional, são justapostas umas às outras, não são estáticas, mas dinâmicas na conformação de significados e possuem o mesmo grau de objetivação da realidade. Sendo múltiplas, não partem dos mesmos pressupostos nem tendem a ter os mesmos objetivos, permitindo um entendimento diverso da realidade alicerçado em distintos contextos históricos e sociológicos vividos (CASSIRER, 1994, p. 197).

Cassirer (1994) afirma ainda que a pluralidade das formas simbólicas comunica os diversos modos igualmente válidos pelos quais o homem



vivencia/significa simbolicamente o mundo. Assim, toda a relação do homem com o mundo cultural ou artificial ocorre no âmbito das formas simbólicas. É baseado nos conhecimentos simbólicos que o homem dá sentido e significado ao mundo concreto, não consistindo a realidade em algo dado, mas sim no que necessita ser pensado, significado, representado.

Castoriadis (1982), por sua vez, aborda o universo simbólico alinhado ao imaginário. A relação entre estas instâncias aparece como um entrelaçamento uma vez que um deve se utilizar do outro não somente para se exprimir, mas para existir. Castoriadis defende então a influência decisiva do imaginário sobre o simbólico, considerando que o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um representa o outro. Desse modo, o simbólico está ligado ao imaginário e à representação, onde traços identitários se alinham ao pensar /agir da coletividade.

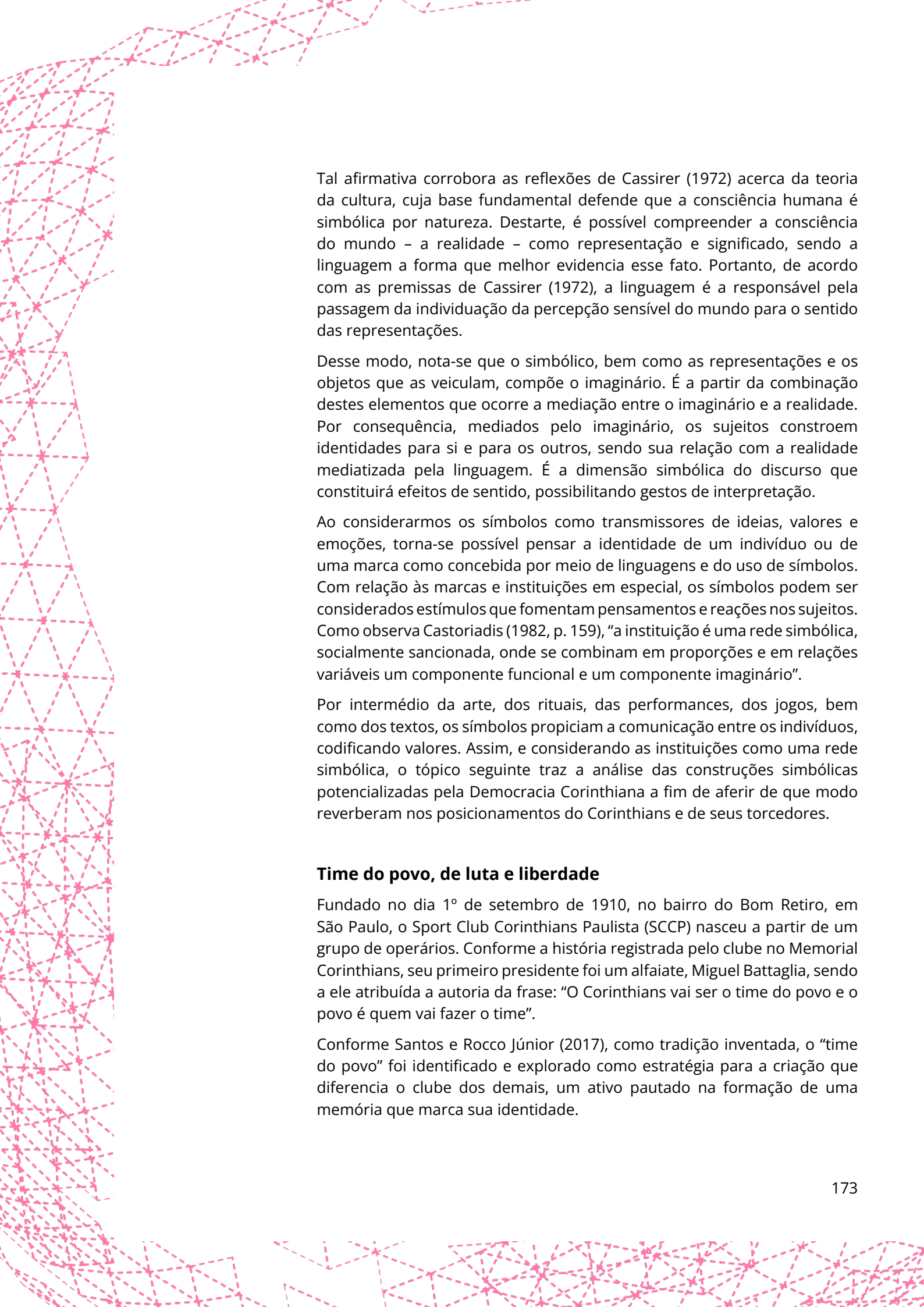
O autor ressalta ainda que o imaginário neste contexto “é criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/ formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos” (CASTORIADIS, 1982, p. 13). Portanto, a realidade é resultado da imaginação simbólica, e dos atos reais – sejam eles individuais ou coletivos –, bem como os produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade conseguiria viver.

Ao abordar essa temática, Cassirer afirma que

os símbolos – no sentido próprio do termo – não podem ser reduzidos a sinais. Sinais e símbolos pertencem a duas esferas diferentes da expressão das ideias: o sinal é uma parte do mundo físico do ser; o símbolo é uma parte do mundo humano do sentido. Os sinais são ‘operadores’; os símbolos são ‘designadores’ (CASSIRER, 1972, p. 60).

Ainda de acordo com Cassirer (1972, p. 98), “um símbolo não possui existência real como parte do mundo físico, sim um ‘significado’”. Este autor evidencia que todo símbolo, seja ele um edifício, uma obra de arte ou um rito religioso, tem o seu lado material, visto que o homem vive em um meio físico que exerce constante influência sobre ele. “Para podermos compreender suas criações – seu ‘universo simbólico’ – precisamos ter sempre em mente esta influência” (CASSIRER, 1972, p. 316).

Diante disto, Castoriadis (1982) destaca que encontramos primeiro o simbólico na linguagem, uma vez que esta liga os seres humanos a outros seres humanos. Assim sendo, observa-se que simbolismo não é um domínio neutro, visto que o sujeito defronta-se com uma linguagem já concebida e, ao lhe conferir sentido, ele não o faz dentro de uma liberdade ilimitada, mas sim apoiado em algo já presente ali. Para o autor, a união dos significados estabelecidos pela relação simbólica deflagra as culturas.



Tal afirmativa corrobora as reflexões de Cassirer (1972) acerca da teoria da cultura, cuja base fundamental defende que a consciência humana é simbólica por natureza. Destarte, é possível compreender a consciência do mundo – a realidade – como representação e significado, sendo a linguagem a forma que melhor evidencia esse fato. Portanto, de acordo com as premissas de Cassirer (1972), a linguagem é a responsável pela passagem da individuação da percepção sensível do mundo para o sentido das representações.

Desse modo, nota-se que o simbólico, bem como as representações e os objetos que as veiculam, compõe o imaginário. É a partir da combinação destes elementos que ocorre a mediação entre o imaginário e a realidade. Por consequência, mediados pelo imaginário, os sujeitos constroem identidades para si e para os outros, sendo sua relação com a realidade mediatizada pela linguagem. É a dimensão simbólica do discurso que constituirá efeitos de sentido, possibilitando gestos de interpretação.

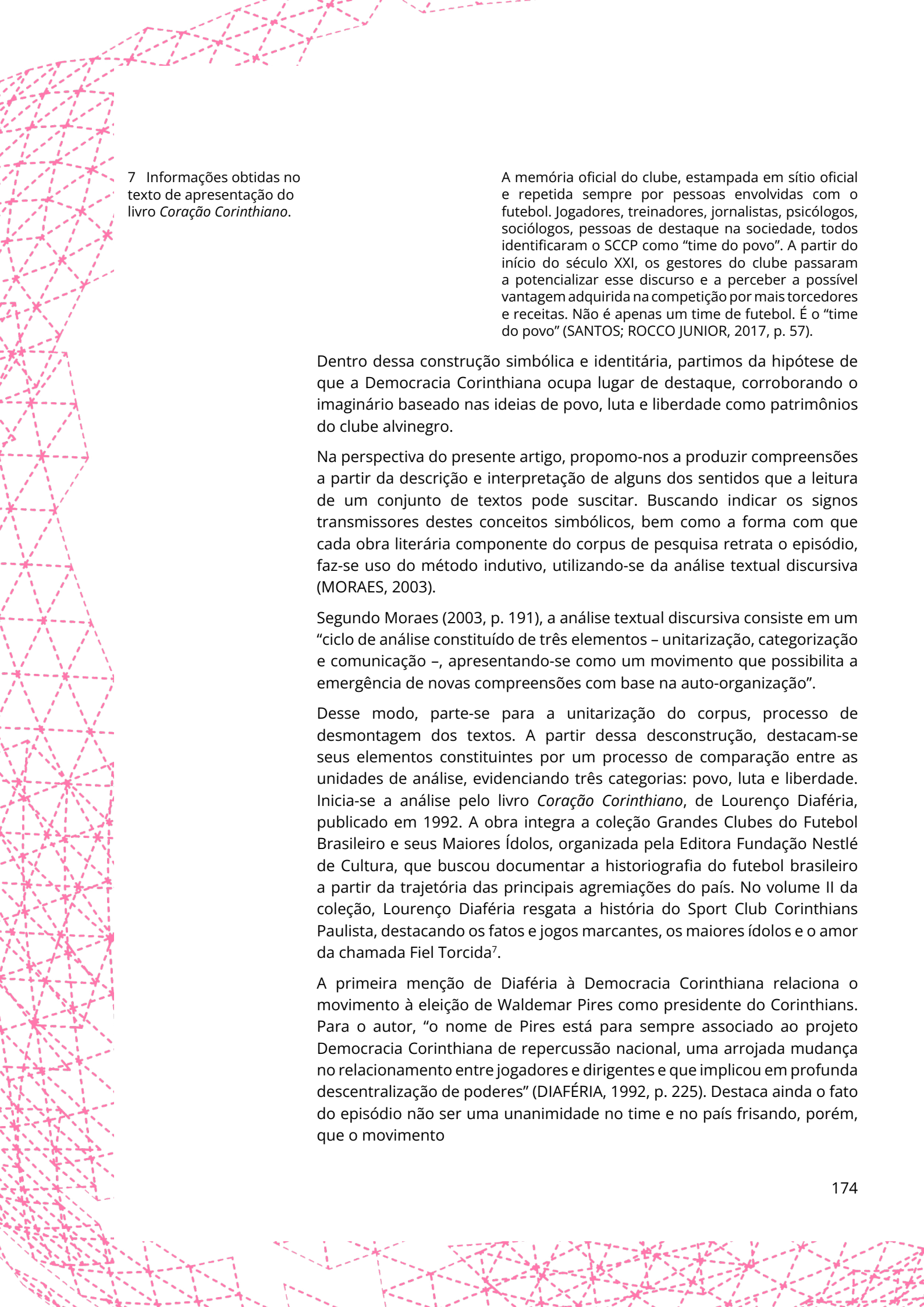
Ao considerarmos os símbolos como transmissores de ideias, valores e emoções, torna-se possível pensar a identidade de um indivíduo ou de uma marca como concebida por meio de linguagens e do uso de símbolos. Com relação às marcas e instituições em especial, os símbolos podem ser considerados estímulos que fomentam pensamentos e reações nos sujeitos. Como observa Castoriadis (1982, p. 159), “a instituição é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário”.

Por intermédio da arte, dos rituais, das performances, dos jogos, bem como dos textos, os símbolos propiciam a comunicação entre os indivíduos, codificando valores. Assim, e considerando as instituições como uma rede simbólica, o tópico seguinte traz a análise das construções simbólicas potencializadas pela Democracia Corinthiana a fim de aferir de que modo reverberam nos posicionamentos do Corinthians e de seus torcedores.

Time do povo, de luta e liberdade

Fundado no dia 1º de setembro de 1910, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) nasceu a partir de um grupo de operários. Conforme a história registrada pelo clube no Memorial Corinthians, seu primeiro presidente foi um alfaiate, Miguel Battaglia, sendo a ele atribuída a autoria da frase: “O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time”.

Conforme Santos e Rocco Júnior (2017), como tradição inventada, o “time do povo” foi identificado e explorado como estratégia para a criação que diferencia o clube dos demais, um ativo pautado na formação de uma memória que marca sua identidade.



7 Informações obtidas no texto de apresentação do livro *Coração Corinthiano*.

A memória oficial do clube, estampada em sítio oficial e repetida sempre por pessoas envolvidas com o futebol. Jogadores, treinadores, jornalistas, psicólogos, sociólogos, pessoas de destaque na sociedade, todos identificaram o SCCP como “time do povo”. A partir do início do século XXI, os gestores do clube passaram a potencializar esse discurso e a perceber a possível vantagem adquirida na competição por mais torcedores e receitas. Não é apenas um time de futebol. É o “time do povo” (SANTOS; ROCCO JUNIOR, 2017, p. 57).

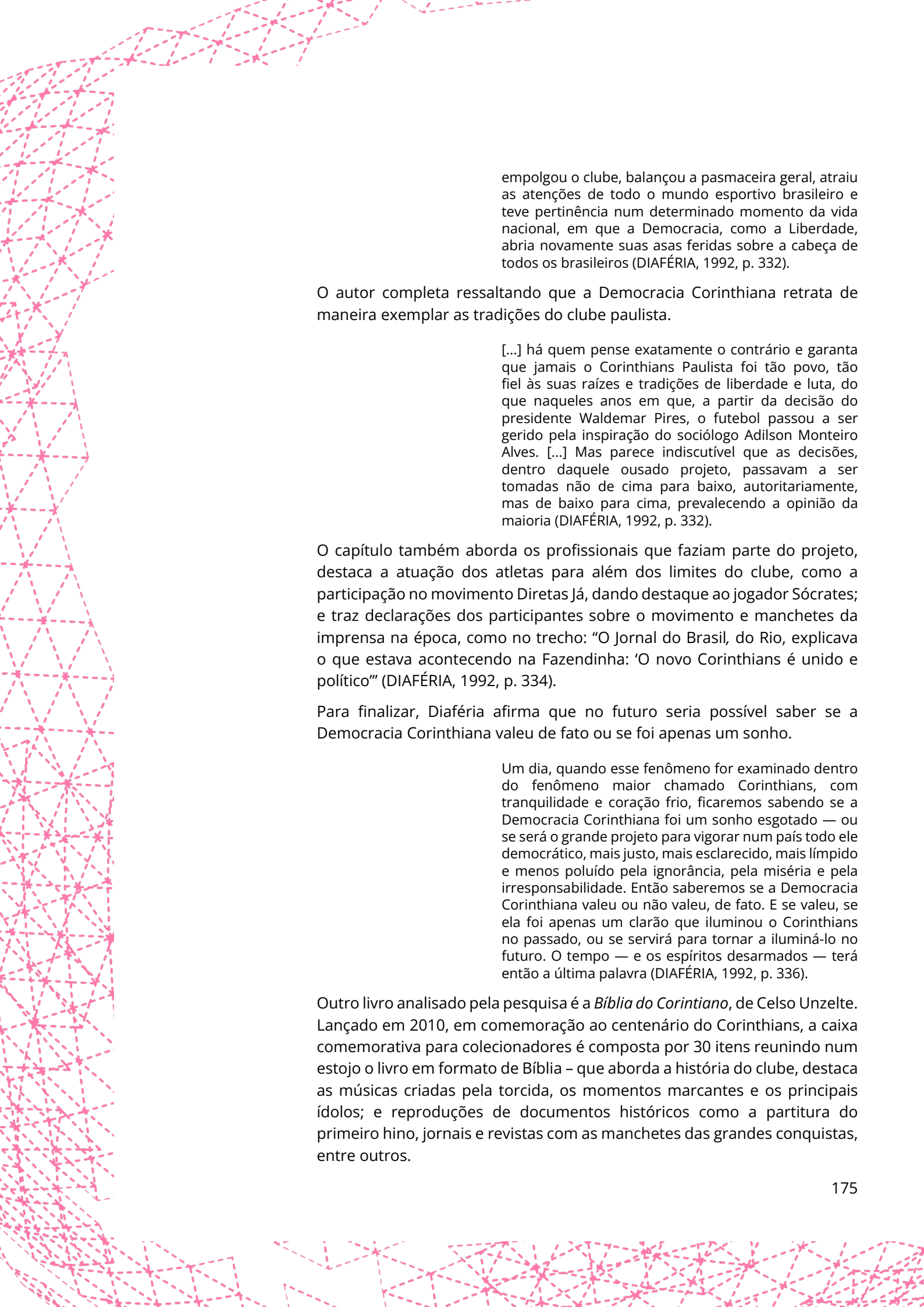
Dentro dessa construção simbólica e identitária, partimos da hipótese de que a Democracia Corinthiana ocupa lugar de destaque, corroborando o imaginário baseado nas ideias de povo, luta e liberdade como patrimônios do clube alvinegro.

Na perspectiva do presente artigo, propomo-nos a produzir compreensões a partir da descrição e interpretação de alguns dos sentidos que a leitura de um conjunto de textos pode suscitar. Buscando indicar os signos transmissores destes conceitos simbólicos, bem como a forma com que cada obra literária componente do corpus de pesquisa retrata o episódio, faz-se uso do método indutivo, utilizando-se da análise textual discursiva (MORAES, 2003).

Segundo Moraes (2003, p. 191), a análise textual discursiva consiste em um “ciclo de análise constituído de três elementos – unitarização, categorização e comunicação –, apresentando-se como um movimento que possibilita a emergência de novas compreensões com base na auto-organização”.

Desse modo, parte-se para a unitarização do corpus, processo de desmontagem dos textos. A partir dessa desconstrução, destacam-se seus elementos constituintes por um processo de comparação entre as unidades de análise, evidenciando três categorias: povo, luta e liberdade. Inicia-se a análise pelo livro *Coração Corinthiano*, de Lourenço Diaféria, publicado em 1992. A obra integra a coleção *Grandes Clubes do Futebol Brasileiro e seus Maiores Ídolos*, organizada pela Editora Fundação Nestlé de Cultura, que buscou documentar a historiografia do futebol brasileiro a partir da trajetória das principais agremiações do país. No volume II da coleção, Lourenço Diaféria resgata a história do Sport Club Corinthians Paulista, destacando os fatos e jogos marcantes, os maiores ídolos e o amor da chamada Fiel Torcida⁷.

A primeira menção de Diaféria à Democracia Corinthiana relaciona o movimento à eleição de Waldemar Pires como presidente do Corinthians. Para o autor, “o nome de Pires está para sempre associado ao projeto Democracia Corinthiana de repercussão nacional, uma arrojada mudança no relacionamento entre jogadores e dirigentes e que implicou em profunda descentralização de poderes” (DIAFÉRIA, 1992, p. 225). Destaca ainda o fato do episódio não ser uma unanimidade no time e no país frisando, porém, que o movimento



empolgou o clube, balançou a pasmaceira geral, atraiu as atenções de todo o mundo esportivo brasileiro e teve pertinência num determinado momento da vida nacional, em que a Democracia, como a Liberdade, abria novamente suas asas feridas sobre a cabeça de todos os brasileiros (DIAFÉRIA, 1992, p. 332).

O autor completa ressaltando que a Democracia Corinthiana retrata de maneira exemplar as tradições do clube paulista.

[...] há quem pense exatamente o contrário e garanta que jamais o Corinthians Paulista foi tão povo, tão fiel às suas raízes e tradições de liberdade e luta, do que naqueles anos em que, a partir da decisão do presidente Waldemar Pires, o futebol passou a ser gerido pela inspiração do sociólogo Adilson Monteiro Alves. [...] Mas parece indiscutível que as decisões, dentro daquele ousado projeto, passavam a ser tomadas não de cima para baixo, autoritariamente, mas de baixo para cima, prevalecendo a opinião da maioria (DIAFÉRIA, 1992, p. 332).

O capítulo também aborda os profissionais que faziam parte do projeto, destaca a atuação dos atletas para além dos limites do clube, como a participação no movimento Diretas Já, dando destaque ao jogador Sócrates; e traz declarações dos participantes sobre o movimento e manchetes da imprensa na época, como no trecho: “O Jornal do Brasil, do Rio, explicava o que estava acontecendo na Fazendinha: ‘O novo Corinthians é unido e político’” (DIAFÉRIA, 1992, p. 334).

Para finalizar, Diaféria afirma que no futuro seria possível saber se a Democracia Corinthiana valeu de fato ou se foi apenas um sonho.

Um dia, quando esse fenômeno for examinado dentro do fenômeno maior chamado Corinthians, com tranquilidade e coração frio, ficaremos sabendo se a Democracia Corinthiana foi um sonho esgotado — ou se será o grande projeto para vigorar num país todo ele democrático, mais justo, mais esclarecido, mais límpido e menos poluído pela ignorância, pela miséria e pela irresponsabilidade. Então saberemos se a Democracia Corinthiana valeu ou não valeu, de fato. E se valeu, se ela foi apenas um clarão que iluminou o Corinthians no passado, ou se servirá para tornar a iluminá-lo no futuro. O tempo — e os espíritos desarmados — terá então a última palavra (DIAFÉRIA, 1992, p. 336).

Outro livro analisado pela pesquisa é a *Bíblia do Corintiano*, de Celso Unzelte. Lançado em 2010, em comemoração ao centenário do Corinthians, a caixa comemorativa para colecionadores é composta por 30 itens reunindo num estojó o livro em formato de Bíblia – que aborda a história do clube, destaca as músicas criadas pela torcida, os momentos marcantes e os principais ídolos; e reproduções de documentos históricos como a partitura do primeiro hino, jornais e revistas com as manchetes das grandes conquistas, entre outros.

8 De acordo com as normas ortográficas a grafia correta do termo é corintiano, sem a letra 'h'. No entanto, a presente pesquisa adota o vocábulo 'corinthiano' em respeito à campanha realizada pelo Comitê de Preservação da Memória Corinthiana e pela principal torcida organizada do clube, o Grêmio Gaviões da Fiel, no final dos anos 70. Por se tratar de uma derivação de 'Corinthians', nome que consiste em uma homenagem ao Corinthian Casuals, clube inglês, o comitê e a agremiação defendem não se tratar de um termo oriundo da língua portuguesa, o que justificaria o uso do 'th'.

O capítulo destinado por Unzelte (2010) à Democracia Corinthiana ocupa apenas uma página e, a exemplo de Diaféria (1992), ressalta os principais nomes envolvidos no projeto, como Waldemar Pires, Adílson Monteiro Alves, Sócrates, Casagrande e Wladimir; bem como o fato do movimento não ter sido uma unanimidade no Parque São Jorge, sede do Corinthians. O pesquisador frisa, porém, que

em um ponto todos concordam: a Democracia Corinthiana, processo de maior participação dos jogadores nas decisões e na vida política do clube, marcou época na história do Corinthians. E mesmo na história do país, que vivia os dias de reabertura política" (UNZELTE, 2010, p. 180).

Outro ponto destacado por Unzelte refere-se à conquista do bicampeonato Paulista de 1982 e 1983, além das vitórias em outras modalidades. "O saldo das conquistas daquele período, que foi de 1982 a 1985, mostrou-se altamente positivo: além das conquistas no futebol, o clube ganhou títulos no basquete, handebol, futebol de salão, voleibol e tamboréu" (UNZELTE, 2010, p. 181). O título do capítulo usado pelo autor – 'Democracia à corintiana' – sugere, assim como feito por Diaféria (1992), o fortalecimento da construção simbólica de um clube tradicionalmente de luta e liberdade; conceitos edificados a partir da história do Corinthians, um time que nasceu das mãos de operários, que superou as dificuldades financeiras dos primeiros anos e foi um dos primeiros clubes brasileiros a aceitar jogadores negros em seu elenco.

A terceira obra analisada trata do livro *Nação Corinthians*, produzido pelo próprio clube e publicado pela editora Toriba. Outra produção realizada em homenagem ao centenário corinthiano⁸, a obra lançada em 2011 consiste em um *collectors book* que conta com depoimentos de corinthianos ilustres, autógrafos de grandes ídolos e imagens e textos exclusivos, além do conteúdo histórico. De maneira divergente das obras anteriormente analisadas, o livro *Nação* não dedica um capítulo à Democracia Corinthiana, ressaltando o movimento apenas ao abordar a trajetória dos jogadores que dele participaram.

Ao relembrar grandes ídolos do clube, no capítulo intitulado 'Os Guerreiros', a referida obra destaca os líderes da Democracia Corinthiana, tal como nos livros de Diaféria (1992) e Unzelte (2010). Os versículos dedicados a Wladimir, Sócrates, Zé Maria e Casagrande recordam a ação destes durante o movimento, bem como a conquista dos títulos em 1982 e 1983. No item destinado a Sócrates, o maior deles em extensão, a publicação ressalta o seu "espírito de liderança que se tornou fundamental para o surgimento da Democracia Corinthiana" (CORINTHIANS, 2011, p. 355); além de frisar por meio de uma declaração do jogador, a sua luta por liberdade. "Nós estamos trabalhando para ter mais liberdade dentro da profissão. E isso é algo que não se pode restringir ao Corinthians. Todos os outros clubes devem ter esse direito, assim como o próprio país" (idem, ibidem, p. 357).

9 Eleições 2018. A radicalização da polarização política no Brasil. Algumas análises. Entrevistas especiais. (<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/583456-eleicoes-2018-a-radicalizacao-da-polarizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>). Acesso em: 24/11/2022.

10 Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar. (<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml>). Acesso em: 24/11/2022.

Figura 1 – Corinthians destaca o povo como soberano. Fonte: Corinthians (2022, março). Reprodução/Twitter

Como quarto elemento de análise, realizou-se uma busca avançada no perfil oficial do Corinthians no Twitter com o intuito de identificar os *tweets* com referência ao movimento. O período escolhido para coleta de dados consistiu em quatro anos, entre 1º de outubro de 2018 e 31 de outubro de 2022. A escolha justifica-se pela intensificação da polarização política no Brasil a partir das eleições de 2018. Durante o período analisado, 55 publicações faziam referência à Democracia Corinthiana. Optou-se por excluir as postagens relativas à venda de produtos e séries produzidas pelo clube, como os especiais de aniversário que retomam momentos marcantes da história.

Assim, analisaram-se 13 publicações, dentre as quais quatro faziam referência ao dia em que ocorreu o golpe de Estado no Brasil em 1964, publicadas em 31 de março; cinco consistiam em lembrança ao Dia Internacional da Democracia, comemorado em 15 de setembro; três referiam-se às eleições de 2018, 2020 e 2022, respectivamente; e um post publicado em 19 de abril de 2020, após o então presidente Jair Bolsonaro discursar durante um ato em defesa da intervenção militar¹⁰.

Ao analisar os textos e imagens integrantes do corpus de pesquisa, foi possível identificar os símbolos transmissores das construções simbólicas potencializadas pela Democracia Corinthiana. A faixa com os dizeres 'Ganhar ou perder, mas sempre com democracia', a imagem do jogador Sócrates, bem como da camisa com a frase 'Dia 15 vote' constituem-se em elementos sensíveis que evocam as lembranças do passado e reafirmam seus valores no presente.

Observa-se ainda a dimensão simbólica do discurso adotado pelo Corinthians, colocando o clube sempre como um time do povo, de luta e liberdade. Um exemplo pode ser visto na imagem a seguir, em postagem realizada no dia 31 de março de 2022, data que relembra o golpe militar de 1964.



Em oposição ao período ditatorial, o clube afirma que no Corinthians o povo sempre foi soberano, e endossa a campanha que incentivava a obtenção do título de eleitor entre os jovens de 16 a 18 anos recomendando que votassem no dia 02 de outubro.

Ressalta-se ainda que a imagem dos jogadores usando a camisa com os dizeres 'Dia 15 vote' também é usada em um *tweet* do dia 13 de novembro de 2020, véspera das eleições municipais que ocorreram no dia 15 daquele mês. O jogador Sócrates também é destaque em outra postagem do dia 31 de março, no ano de 2019. Na ocasião, uma estátua do atleta com o punho direito cerrado no ar, gesto pelo qual ficou marcado, é fotografada na Arena Corinthians junto à faixa com a qual os jogadores entraram em campo em 1983.

Outro símbolo transmissor das já referidas construções simbólicas, a faixa com os dizeres 'Ganhar ou perder, mas sempre com democracia', volta a ficar em evidência em postagem realizada no dia 07 de outubro de 2018. Na ocasião, data do primeiro turno das eleições, o Corinthians lembra a luta pelo direito ao voto pedindo a seus torcedores que votassem com consciência, como mostra a figura 2. Verifica-se um marcante resgate via imaginário da imagem, capaz de permitir que os torcedores construam, a partir disso, uma identificação e representação do clube como um time de luta e liberdade.

Figura 2 – Corinthians relembra luta pelo voto. Fonte: Corinthians (2022, outubro). Reprodução/ Twitter



Destarte, criam-se marcas representativas de valor, eletivas da história do clube, em função das quais os torcedores objetivam sua identidade. Em decorrência da lealdade ao clube do coração, e mediado pelos posicionamentos do time, edifica-se o sentido de pertencimento marcado por atitudes e posicionamentos dos torcedores.

Considerações finais

Para Machado (2006, p. 12), todo simbolismo se constrói sobre as ruínas dos edifícios simbólicos anteriores, tornando possível compreender a forma como “os edifícios simbólicos precedentes atravessam, servem como base para a construção de ‘novos’ templos. O ‘novo’ se edifica nas bases antigas. É o resgate histórico na construção de ‘novos’ saberes”. Tal fato pode ser ilustrado pelo retorno que o Corinthians faz ao movimento Democracia Corinthiana para se posicionar em contextos atuais.

Como vimos, o clube faz uso da dimensão simbólica do discurso produzindo efeitos de sentido marcados pela historicidade, o que permite o gesto de interpretação que o coloca como time do povo. Desse modo, o Corinthians, mediado pelo imaginário, constrói identidades para si e para os seus torcedores.

Observa-se, assim, que os torcedores se engajam emocionalmente com o clube, politizando determinados elementos do futebol a partir de uma memória proveniente da tradição operária do Corinthians, bem como da militância política de esquerda de alguns de seus grandes ídolos.

Retomando a indagação feita por Diaféria (1992) acerca da Democracia Corinthiana voltar a iluminar o clube paulista no futuro, observa-se que, a partir de sua contextualização simbólica, as vivências e culturas do passado não se dissociam de um futuro em construção. É possível afirmar que por meio das construções simbólicas potencializadas pela Democracia Corinthiana, bem como por intermédio dos significados culturais construídos de maneira compartilhada com os torcedores, o Corinthians retroalimenta sua identidade cultural.

Ademais, por intervenção da mediação simbólica, os torcedores são afetados ideologicamente e acabam também por afetar o sistema onde vivem. Tem-se assim um processo essencialmente significante-simbólico através do qual o Sport Club Corinthians Paulista ordena sua trajetória histórica, erigindo um contexto de valores cujos símbolos retratados adquirem um sentido de luta e liberdade. Em outras palavras, não é possível separar o futebol de sua dimensão política, embora exista uma corrente que resista em aceitá-la.

Contrariando uma visão recorrente no meio, que desencoraja e deslegitima manifestações políticas atreladas ao esporte, a história evidencia que futebol e política são elementos indissociáveis (MARTINS e REIS, 2013; FLORENZANO, 2009). Não apenas em razão dos processos eleitorais que definem o comando de clubes e federações, do oportunismo de pessoas e lideranças que se aproveitam da popularidade do futebol para benefício próprio ou dos movimentos que se manifestam nos gramados e nas arquibancadas, mas, principalmente, pela extensa rede de poder que rege o universo futebolístico numa ampla disputa de territórios, práticas e construção de sentidos.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, A. Q.; DIAS, Álvaro R.; PERASSI, R. Identidade, marca e consumo: construções simbólicas na tessitura da cultura. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 464-473, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13975>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CARDOSO, Tom. **Sócrates: a história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro**. São Paulo: Objetiva, 2014.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CORINTHIANS. **Nação Corinthians**. São Paulo: Toriba, 2011.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**: Dossiê Futebol, São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954/28732>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

DECONTO, Eduardo. **Pioneira e pé quente**: relembre a história da Coligay, torcida que marcou época no Grêmio. Portal GZH. 01/07/2022. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2022/07/pioneira-e-pe-quente-relembre-a-historia-da-coligay-torcida-que-marcou-epoca-no-gremio-cl52v5cuh0005019i7c6u8yzyu.html>>. Acesso em: 05 dez 2022.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração Corinthiano**. São Paulo: Fundação Nestle, 1992.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de libertação no futebol brasileiro. 2003. 306 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2009.

GUEDES, Simoni. **O Brasil no campo de futebol**. Niterói: Editora da UFF, 1998.

HELAL, Ronaldo. Futebol: **Mitos e Verdades (que nos ajudam a entender quem somos)**. In: Insight Inteligência, v. 52 (2011), p. 68-81. Disponível

em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/futebol-mitos-e-verdades.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. **O estudo do gênero pelo viés discursivo:** refletindo sobre a dualidade masculino/feminino e sua relação com a escrita. 354 f. 2006. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7120#>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MARQUES, José Carlos. A “criança difícil do século” – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. In **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso). V. 8, 93-112. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/about/index>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Democracia Corinthiana:** sentidos e significados da participação dos jogadores. 2012. 206 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/874323>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MARTINS, Mariana e REIS, Heloisa. “Diálogos críticos sobre a Democracia Corinthiana como movimento social”. **Anais**. V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Brasília. 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5520/2843>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MARTINS, Mariana e REIS, Heloisa. Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 81-101, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1191852>. Acesso em 06 mar. 2023.

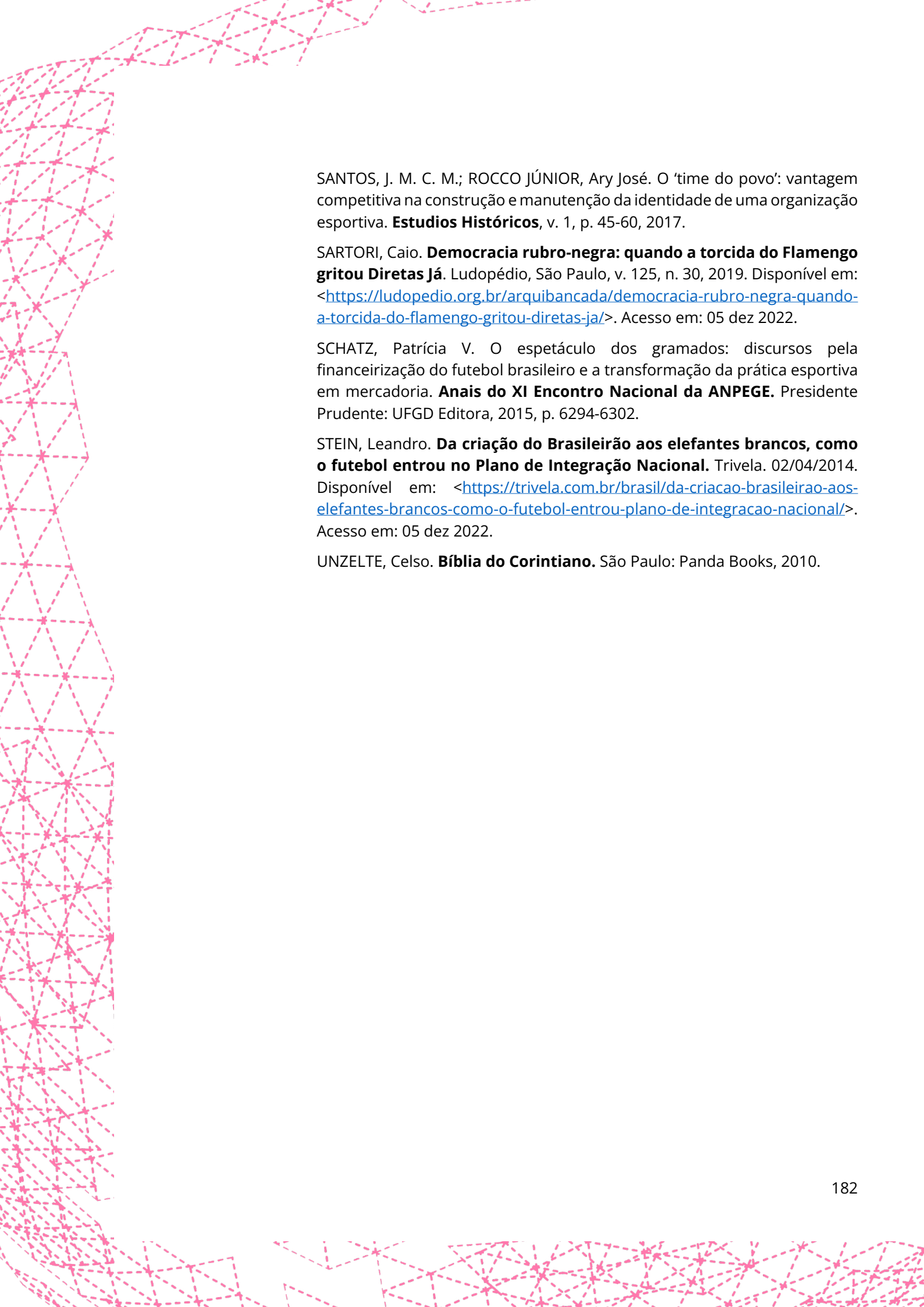
MARTINS, Mariana e REIS, Heloisa. **A Democracia Corinthiana:** futebol e política. Paulínia: AutorEsporte, 2017.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132003000200004&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 21 nov. 2022.

OLIVETTO, Washington; BEIRÃO, Nirlando. **Corinthians é preto no branco**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PEREIRA, Camila Augusta Alves. Bom Senso F. C. **Ludopédio**, São Paulo, v. 53, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/bom-senso-f-c/>>. Acesso em: 05 dez 2022.

RIBEIRO, Luiz. Futebol e Política. Separata de: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo. **O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. [S. l.]: Editora Unicamp, 2020. cap. I.



SANTOS, J. M. C. M.; ROCCO JÚNIOR, Ary José. O 'time do povo': vantagem competitiva na construção e manutenção da identidade de uma organização esportiva. **Estudios Históricos**, v. 1, p. 45-60, 2017.

SARTORI, Caio. **Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já**. Ludopédio, São Paulo, v. 125, n. 30, 2019. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/democracia-rubro-negra-quando-a-torcida-do-flamengo-gritou-diretas-ja/>>. Acesso em: 05 dez 2022.

SCHATZ, Patrícia V. O espetáculo dos gramados: discursos pela financeirização do futebol brasileiro e a transformação da prática esportiva em mercadoria. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPEGE**. Presidente Prudente: UFGD Editora, 2015, p. 6294-6302.

STEIN, Leandro. **Da criação do Brasileirão aos elefantes brancos, como o futebol entrou no Plano de Integração Nacional**. Trivela. 02/04/2014. Disponível em: <<https://trivela.com.br/brasil/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>>. Acesso em: 05 dez 2022.

UNZELTE, Celso. **Bíblia do Corintiano**. São Paulo: Panda Books, 2010.